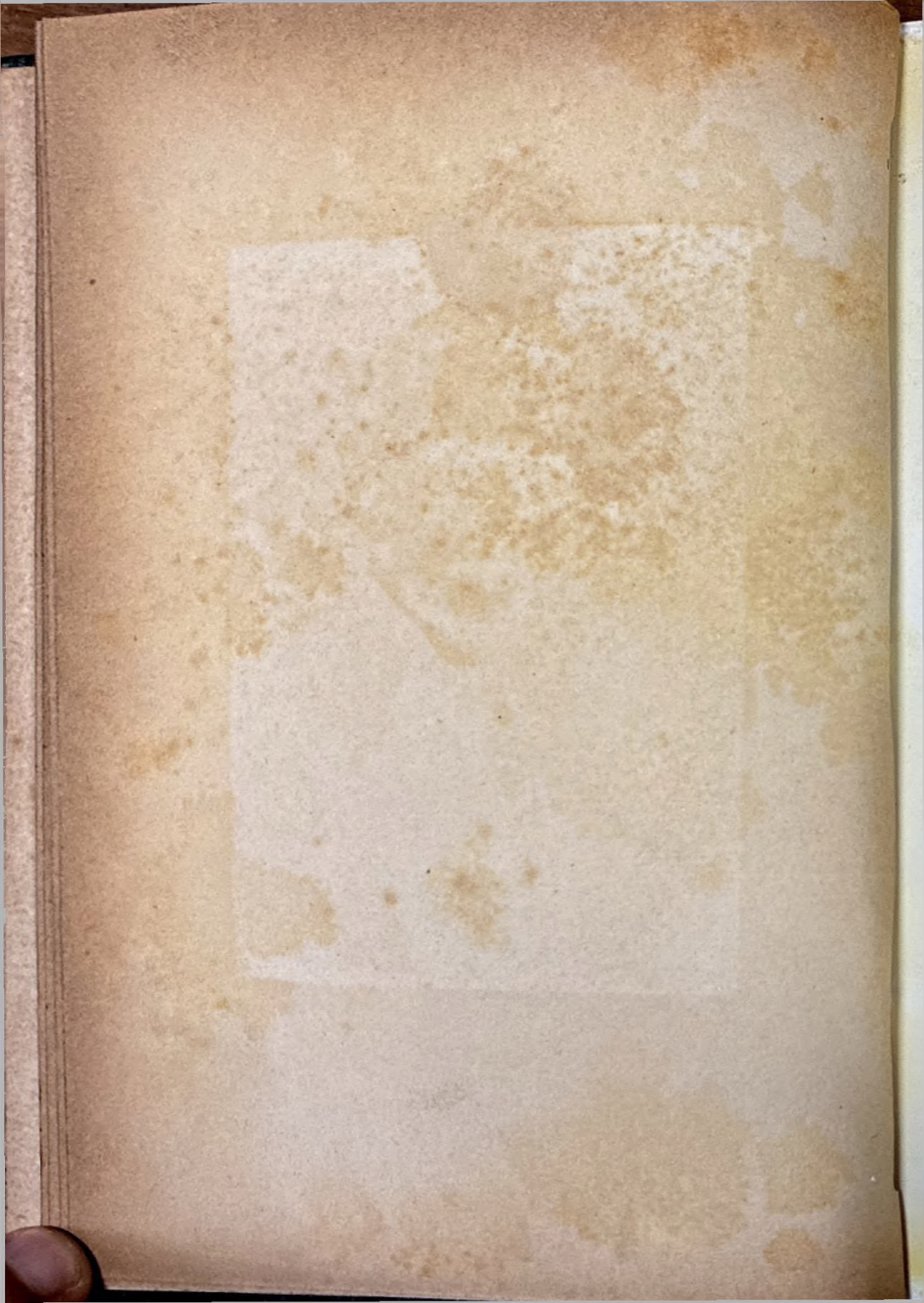
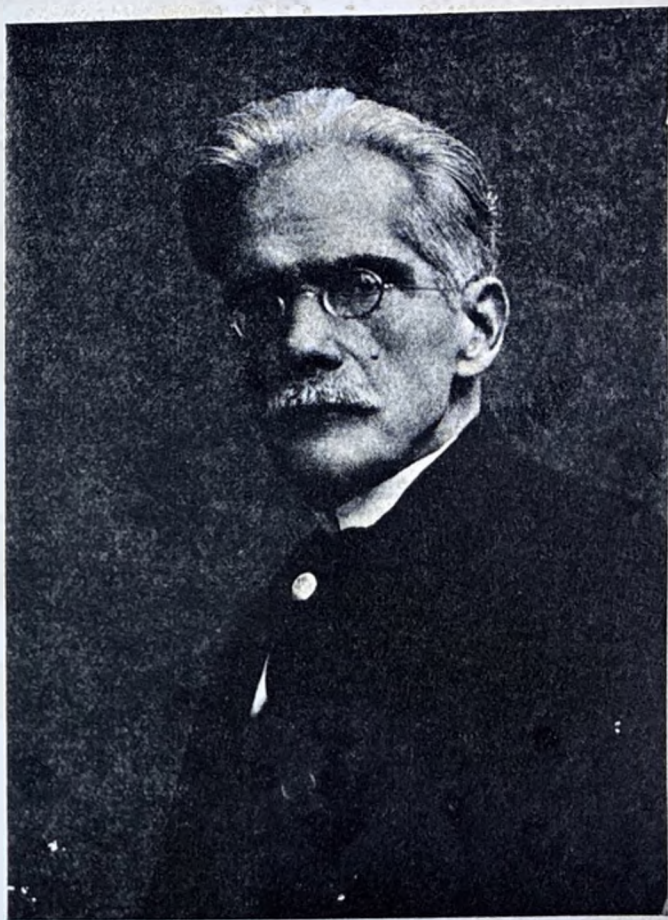


**NOTAS BIOGRAFICAS SOBRE JOSE' MARIANO
DE OLIVEIRA,**

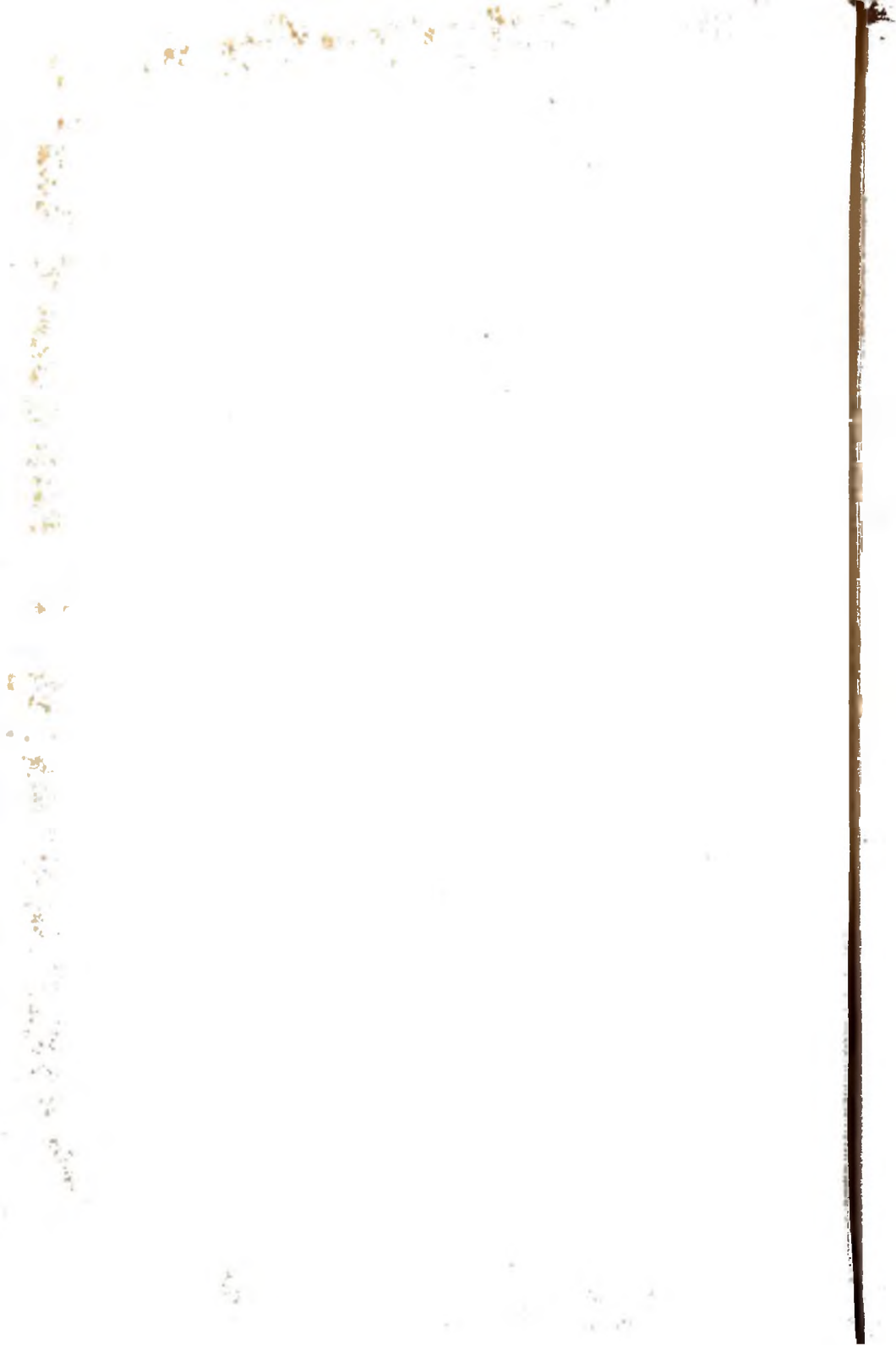
por

JEFFERSON DE LEMOS





Último retrato de *José Mariano de Oliveira*, em 1929.



NOTAS BIOGRAFICAS SOBRE JOSE' MARIANO DE OLIVEIRA

Naceu José Mariano de Oliveira em Saquarema, Estado do Rio, em 22 de Maio de 1855. Sua Mãe, D. Anna Mariano de Oliveira decendia de “uma das mais antigas familias burguezas da Provincia, em cujo seio abundavam as tradições catholicas”. Seu pai, de nome igual ao seu, herdara de seu progenitor portuguez, a semi-emancipação que este trouxera da Europa, imbuído que estava dos grandes principios da Revolução Franceza que então enchiam o mundo (*). Começando a vida como comerciante, fizêra-se mais tarde empreiteiro de construções. De carater réto e costumes austeros, adquiriu o velho José Mariano grande prestigio no meio em que viveu. Constituindo numeroza familia em cujo seio naceram 19 filhos, dos quais 17 chegáram á idade adulta, tiveram eles de valer-se do sistema então adotado para o serviço dos misteres cazeiros — a posse de escravos. Mas estes escravos (e por isso falamos neles aqui), jamais abandonaram a familia Mariano, depois de emancipados, e, pode-se dizer, a ela se agregaram depois como filhos e irmãos.

Nada mais proprio que os atos para evidenciar os sentimentos, e são esses sentimentos de bondade, de equilibrio afetivo e retidão moral os que sempre caracterizaram essa digna familia. São palavras do proprio José Mariano na dedicatoria á sua Mãe, no livro já citado: “Lembro-me ainda

(*) V. José Mariano de Oliveira — *Culto á Mulher*, pag. 11.

da impressão que produziu no seio de nossa família a leitura, feita pela primeira vez, mais ou menos na época a que me referi no começo (1862), do livro de propaganda de Mrs. Stowe, a *Cabana do Pai Thomaz*. Lembro-me que, quanto a mim, que era então um menino, dataram sistematicamente dessa ocasião os meus sentimentos abolicionistas. Meu Pai, que nos lêra em voz alta a doloróza novela da escritora norte-americana, deixou por mais de uma vez rolares as suas lagrimas durante a leitura. A emoção de tua parte fôra também vizivelmente profunda. Aliás, o carinho com que sempre trataste a tua Mãi-preta, que nunca te abandonou até a sua morte, e a amizade que dispensavas á *Mãe-preta* dos teus primeiros filhos, felizmente ainda hoje viva perto de nós, serviram para garantir-nos o quanto aquela emoção fôra de fáto grande e sincera. E foi ezatamente a recordação de todo o Amor que mostraste por todos aqueles que te estiveram sujeitos pela lei, que, ao ser inumado ha pouco o teu corpo, determinou, a nós os teus filhos, a te escolhermos como jazigo o mesmo sepulcro onde, ha cinco anos, repouzam os ossos da filha de um dos teus antigos escravos, á qual educaras e estimavas como si tambem fosse tua filha" (1).

Educado em tais princípios, e tendo herdado de seus pais essas felizes disposições de coração; dotado de ecepcional carater, como o podem atestar todas as pessoas que com ele conviverão, não é de admirar que tais predicados viessem a desabrochar em frutos magnificos.

Desde menino José Mariano annunciára esta natureza de escol. A grande sensibilidade de sua organização moral conduziu-o logo ao cultivo estético do espirito, pelo que, muito cedo sahiram-lhe quazi espontaneas, as primeiras poezias. Foi essa, aliás, uma das disposições naturais em sua família — todos os seus irmãos e irmãs foram autores de bons versos. Basta lembrar, entre eles, o celebrado Alberto de Oliveira e,

(1) *Ibidem*, pag. 11.

dentre as irmãs, a suave e boníssima Amelia, ainda viva, que só não fez nome como poetiza por sua invencível modestia.

As grandes naturezas não é, no entanto, possível evitar o terrível conflito com o meio contemporâneo, dada a desordem geral dos espiritos, a estensão de todas as ambições e a cupidez de todos os egoísmos. José Mariano foi assim uma das vítimas imoladas, durante a juventude, ao formidável Moloch da anarquia que hoje impera por toda a parte.

Venerante por natureza, desde menino José Mariano sentiu-se possuído de um fundo religioso que determinou-lhe “verdadeiro entusiasmo pela grande religião medieval, cujas solenidades lhe enchiam de sincero respeito e arrebatamento”. Mas, chegado á juventude, tudo teria que mudar. E, ao amadurecer-lhe então o pensamento, si conservou respeito pelos aspéto social e moral do culto católico, o ezame do dogma feito pela razão deixou-o cahir no septicismo rezultante da descrença e das grandes dezilusões. Para agravar uma tal situação, a necessidade de desenvolver o cultivo do espirito obrigou-o a separar-se da familia, vindo ele para a Capital. O izolamento dos seus foi-lhe cruel, rompendo o unico laço afetivo que então o amparava. Cahindo em insopitavel nostalgia, dentro de pouco tempo tornava a Itaborahy, onde então rezidia a familia, afim de curar-se do mal-estar que lhe ia comprometendo a saude. Foi isto em Junho de 1876. Mas era necessario reagir, e oito dias depois voltava á Capital mais conformado, buscando então na composição poetica, onde expandia o que lhe ia n'alma, e no trabalho noturno de revizão no *Jornal do Comercio*, um derivativo ao dezanimo que o envolvera. Esta crise espiritual e afetiva é-nos relatada por ele mesmo no livro que citámos linhas acima.

Assim se passaram quatro anos, dentro dos quais o seu espirito em vão procurava as razões de viver. Foi quando um dos seus amigos mais queridos, Capistrano de Abreu, a quem confiára o segredo de sua luta interior, lembrou-lhe o aconchego dos positivistas que se reuniam no *Centro* que ha-

viam fundado á rua do Carmo. “O Lemos já está ahi, de volta da Europa, e lá reúne-se com o Mendes, o Alvaro, o Benjamin Constant e outros”, disse-lhe Capistrano. “Quem sabe si você não ficará tambem pozitivistá ?” Todos eles eram seus conhecidos da Escola Politécnica, os dois primeiros como colegas e os outros dois como professores.

Accepta a sugestão de Capistrano, José Mariano passou a comparecer ás reuniões hebdomadarias do grupo regenerador, e, na realidade, ahi encontrou sua salvação. Era o que, de fáto procurava: ali estava o grande alimento do seu coração e do seu espirito, que teria de desenvolver-lhe as eminentes qualidades de sua natureza amorosa e estética e do seu carater bem temperado; ali estava a religião que vinha preencher o vazio que lhe ficára ao desprender-se das crenças de nossos avós: religião do Amor, da razão e da atividade pacifica; verdadeira religião da Humanidade, emfim.

“Em poucos dias daquêla regeneradora convivencia eu me sentia já outro homem. Lia sem cessar os livros de Augusto Comte. Fiz isto continuamente dia e noite, e já em 29 de Março escrevia ao Dr. Joaquim Ribeiro de Mendonça, que estava ainda com a direção do Centro Positivistá, pedindo-lhe a minha incorporação áquele núcleo. Logo em seguida, parti para os meus trabalhos no interior da Provincia, onde conservei-me mais dois anos. Felizmente, como o Apostolo, eu havia encontrado a minha estrada de Damasco, e o deslumbramento que me produziu a doutrina nova, deu-me logo energia bastante para encetar com desassombro a minha segunda vida”. (livro cit. pag. 56).

Reerguido assim mental e moralmente pela nova Fé, iluminada a intelligencia e novamente aberto o seu coração, desde então, nada mais lhe faltava para enchê-lo de todo, sinão encontrar aquella que *emparadizasse a sua mente*.

“Quella che'mparadisa la mia mente,
Ogni basso pensier dal cor m'avulse”!

Estreitando as relações com os dois Apostolos positivistas, passou a frequentar a casa de Miguel Lemos todas as quartas-feiras e sabados, onde sempre encontrava a cunhada deste, Elvira Torres de Carvalho, moça de 20 anos, "cheia de viço e beleza."

Começou então o romance de amor, todo contado por ele mesmo em belas poezias, geralmente sonetos, nunca mais interrompidas até o fim de sua existencia, quarenta e um anos depois. Tiremos dentre elas algumas, que definam as fazes mais decisivas deste culto continuo de amor:

Começo de afeição:

Não sei si é amor ou o que é que me surpreende,
Nem si em razão que ando ou por instinto;
Mas vivo em vós buscando, e está distinto
Qualquer couza que eu quero e me suspende.

Levanto o olhar e tudo se destende:
Auzente estais e proxima vos sinto;
E falo a sós comigo ou tão indistinto
Que ás vezes mesmo já ninguem me entende.

Vacilo; cada instante é uma incerteza;
Ora eu me aparto, e ora eu vos procuro:
— Não sei si é gelo em mim ou chama aceza,

Nem sei se estou na luz ou estou no escuro;
Mas não vos vendo toma-me a tristeza
E ao pé de vós me alegre e não murmuro.

Intimidade crescente:

Nestes formozos olhos pensativos
Onde tanta meiguice transparece,
Recordo finalmente a doce prece
A que os labios meus éráo já esquivos.

Meus mortos ideais 'stão redivivos;
Minhalma o longo seticismo esquece,
Pois hoje um belo sol me fortalece
E faz meus sonhos só de ti cativos.

Busco-te e creio ver-te em toda parte;
Amo-te e a todo instante me estazias
Tornando-me assim puro só de olhar-te.

E atravez deste mundo em que me guias,
Só quizera viver para adorar-te
A eterna adoração de eternos dias.

Noivado:

Doce palavra, terno som divino
Que é tudo quanto o Amor dezeja e péde;
Sim, que o labio de um Anjo nos concede
E sôa para nós melhor que um hino;

Som, que muda das almas o destino;
Por quem o orgulho humano todo cede,
Parecendo afinal, quando se o mede,
Som tão ligeiro, som tão pequenino;

Por ele eis que meu ser já está mais puro;
No seu dever meu coração se empenha,
A ventura dos outros só procuro.

Mas si tão grande é o bem que dele venha,
Que outro maior me guarda inda o Futuro
Quando, após ele, a ti por premio obtenha!...

(Invocação)

Estende sobre mim continuamente
Teu sacrosanto efluvio, como quando,
Cheia de um terno e casto amor ardente,

Os olhos teus purissimos baixando,
Me iluminaste a tremula retina
Com aquele primo olhar piedoso e brando.

Põe na minh'alma sempre a luz divina
Que de bondade o coração me inflama
E que a virtude salutar me ensina.

Enquanto me guiar tão doce chama
E eu sentir a suavissima ternura
Que no meu ser o teu amor derrama,

Não entrarei naquela selva escura
Onde as almas se perdem cada dia,
Onde o Amor não reziste e a Fé não dura.

Serve-me tu de Mestre e sê meu guia;
Faze que eu suba a encosta luminosa
Que me conduza á edenica alegria.

.

União:

Vendo-te ao pé de mim, no doce enleio,
Cheia toda de amor, de amor vencida,
Provo um bem como nunca achei na vida,
Creio em couzas nas quais até não creio.

Ouço esse arfar suave de teu seio,
Sorvo o efluvio em que te achas embebida;
Teu olhar no meu, e o labio teu, Querida,
Que algo quer me dizer, detem-se em meio.

Quando por ti se abriu meu lar deserto
E entraste, eu não sei bem o que isso fosse,
Fiquei tonto de luz. Meu ser desperto

De fáto, então somente despertou-se...
Nunca pensei que o céu fosse tão perto,
Nunca supuz que o amor fosse tão doce.

Pouco teria, no entanto, de durar a terna felicidade objetiva- apenas tres anos, e isso mesmo, sempre interrompida pelas continuas viagens que fazia, na sua profissão de engenheiro. Cazado em cinco de Dezembro de 1885, a sete de Janeiro de 1889 falecia sua adorada Esposa.

Começou então para José Mariano esse edificante culto subjetivo da viuvez pozitivistá, dentro do qual se manteve durante quarenta e um anos, sem a menor quebra de dignidade. Ele mesmo nol-o conta, dentre outros, nos seguintes sonetos:

O ! nostra vita ch'è si bella in vista,
Com' perde agevolmente in un mattino
Quel ch'n molti anni a gran'pena s'acquita.

(PETRARCA)

A Morte arrebatou-me duramente
Com impia mão e com a maior crueldade,
Tua querida e terna claridade
Teu carinhozo olhar sagrado e ardente.

Passaste assim de nós tão de repente
Quando a vida estaria inda em metade!...
Breve hei perdido aquela felicidade
Que eu soube conquistar tão lentamente.

Mas si cobre-te agora a sepultura,
Si já meu triste olhar não te diviza
Cercando-me de angelica ternura,

Na oração tua imagem se eterniza;
Surges na minha mente inda mais pura,
E a justa adoração te diviniza.

Nosso Templo, Querida!... Tu não viste
Essa nave repleta de esplendores,
De onde elevão-se á Deuza esses louvores
Que em teus sonhos apenas presentiste.

E eis que os fieis se juntam! Tu cahiste
Antes que abrissem as primeiras flôres
Do culto, ou celebrassem os cantores
A' Deuza a quem amaste e a quem serviste.

Quanto me enleva, quanto é doce e grave
Ouvir a terna e respeitosa lãa
Que enche de sons a sacrosanta nave!...

A's vezes, quando a prece aos céos revôa,
E' a voz de nossa Filha em sólo suave
Que dentro das abobodas resôa.

"Volta, Querida, volta ao lar vazio,
E me acharás aqui, qual me deixaste,
Fiel áquele amor que me votaste,
Apenas triste, apenas o ar sombrio.

"Trinta anos!... Vi o estio após o estio
Voltar-nos... Tu somente não voltaste;
Tu somente da tumba não tornaste
Onde foste dormir num chão tão frio!..."

"Como os anos parecem-me compridos
Esperando que voltes!... Si voltares,
Verás guardados inda os teus vestidos,

"Guardados inda sob os meus olhares,
E teus bilhetes tantas vezes lidos
E tudo quanto é teu nos seus logares!..."

E repetia sempre em suas orações quotidianas :

"Ai! si cobre-te agóra a sepultura,
Si já meu triste olhar não te divisa
Cercando-me de angelica ternura,

Na oração tua imagem se eterniza:
Surge na minha mente inda mais pura
E a justa adoração te diviniza.

Antes de morrer pediu que em sua lapide se inscrevesse
o epitáfio:

“Posso te asseverar, e isto me é bem suave
Ao coração, que nem uma só falta grave
Fez-me indigno de ti.

Este culto de amor era mantido objetivamente por frequentes visitas ao tumulo da Esposa, no Cemiterio S. João Baptista, todas as segundas, quartas, sextas-feiras e domingos, só se privando delas quando sua saude não o permitia. Um culto igual era prestado á sua Mãi Ana Mariano de Oliveira e á sua Mãi-preta Justina. Emquanto viva a primeira, jamais deixou de passar com ela, em Niterói, parte dos Domingos, indo por vezes, ao Fonseca vizitar a segunda. Morta sua Mãi, as visitas hebdomadarias passaram a ser feitas todas as Quintas-feiras, no Cemiterio de Maruhy. A este culto ainda juntava o de sua filha Eloiza, primeiro objetivamente, e depois subjetivamente, tendo esta falecido muito prematuramente.

Elvira e Eloiza

“E’ aqui no estreito espaço onde vieste
Sonhar na eterna noite socegada,
Que ora dormes teu sono acompanhada
Daquela mesma que, ao partir, me deste.

Mortas tão cedo! Como tu morreste
Da vida no começo da jornada,
Nossa filha, entre nós tão desejada,
Deceu também á noite a que deceste.

Iguais na idade e na meiguice tanta!
Ela me acompanha na amargura
Que desde a tua morte me quebranta.

Tua imagem com a dela se mistura...
Vejo-vos ambas, cada qual mais santa,
Amo-vos ambas, cada qual mais pura.

Garantido assim por este culto de amor humano jamais desmentido, desenvolvendo simultaneamente o apêgo, a veneração e a bondade, de que a natureza o dotára com tanta magnificencia, não foi de admirar que José Mariano chegasse a apresentar um dos primeiros exemplos da santidade positivista, (desprendida das incitações teologicas), que ha de servir de tipo ás gerações vindouras. Muitos dos que conviveram com ele ainda estão ahi para atesta-lo. As suas poezias no-lo contam, com arrebatamento e candura.

Com ele convivi durante quazi oito anos sob o mesmo teto, do casamento á morte de sua filha, minha Esposa. Sei assim quanto foi bôa, carinhosa e cavalheiresca aquêla alma privilegiada.

Quem o visse a sós, a caminhar nas ruas, com aquele talhe agigantado de atlêta, mas emagrecido pelo sofrimento, com aquêla fizionomia austera e triste, como absorta em contemplação interior, tomá-lo-ia por um mizantropo. Mas um amigo se lhe aproximasse, e todo ele se transformava em uma alegria simpatica, e logo se veria que aquela tristeza que o invadia não era falta de amor aos homens, e sim o aguilhão da sau-

dade que o acompanhava sempre. E quem poderia dele se aproximar sem sentir a irradiação de sua culta intelligencia, e sem se deixar dominar pela simpatica doçura de sua affectividade?

Tudo isso foi bem descrito, ou, melhor, esculpturado, por esse outro poeta, infelizmente bem cedo arrebatado do nosso convívio por uma lastimavel e prematura morte, quando talvez fosse encetar a faze mais decisiva de sua vida. Falamos de Martins Fontes:

“Para o culto domestico vivias
E, em perpetua viuvez, quarenta e um anos,
Indiferente a jubilos profanos,
Pobre, passaste teus penosos dias.

Sofreste muito e muito amaste. Insanos
Eram teus desesperos e porfias,
E a saudade, nas tuas agonias,
Deu-te o aspéto dos grandes Franciscanos.

Falavas mansamente, e, sem resabio
Nenhum, iluminado pelo encanto,
O coração te perfumava o labio.

Ilustre e bom, purissimo, portanto,
Para os que te escutaram — foste o Sabio,
Para nós que te amamos — foste um Santo.

Não era, no entanto, só o culto domestico que enchia o seu coração. Como todo bom positivista, a Patria era tambem objéto dos seus mais subidos anhélos. Republicano dos tempos da propaganda, não pôde sofrer em quietude a revolta da Armada, de 1893, que ameaçava as instituições republica-

nas. Colocando-se ao lado de Floriano, em ativa reação cívica, tomou parte na defesa da Republica, como combatente, no Batalhão Benjamim Constant.

Como engenheiro, que o foi, dos mais competentes, prestou á sua Patria inestimaveis serviços. Amigo dedicado de Paulo de Frontin, seu companheiro dos bancos academicos, tomou com ele parte em todos os grandes empreendimentos da Empreza Industrial de Melhoramentos no Brasil, de que era fundador e chefe o notavel engenheiro patricio que lhe dedicava grande afeição e confiança. Não pretendendo fazer aqui uma biografia completa de José Mariano, sinão apenas apresentar alguns dados mais caracteristicos de sua edificante vida, não esmiuçaremos todos esses grandes serviços de engenharia a que se dedicou com tanto zelo, competencia e a mais rigorosa honestidade. Diremos, no entanto que não houve serviços de envergadura em construções de estrada de ferro, do Norte ao Sul do Paiz, a que seu nome não se achasse ligado, nunca permitindo a sua excessiva modestia que em torno de si se fizesse, por isso, nenhum alarido. Preferiu sempre trabalhar na obscuridade. Lembraremos, entre outros trabalhos, a sua participação na construção da estrada de ferro de Paranaguá a Curityba, a convite de Teixeira Soares (1884 a 1887); o traçado, construção, organização e direção do trafego da Linha Auxiliar (1891 a 1901); fez os primeiros trabalhos para o arrazamento do morro do Castelo; a demarcação de largos tratos de terra nos sertões de Theophilo Ottoni; fez os estudos para o prolongamento da Linha Auxiliar de Parahyba do Sul a Entre-Rios, de Portella a Barra do Pirahy, por Vassouras, Ypiranga, etc. Nunca quiz desligar-se do seu grande amigo Paulo de Frontin, e só quando este passou a dirigir a Central, em 1910, fez questão de levar para ahi o seu prestimoso auxiliar, entregando-lhe todo o traçado e construção do prolongamento da Central, em bitola larga, de Congonhas a Bello-Horizonte, com rumo a Piropóra, pelo vale do Parao-péba, exonerando-se da commissão quando Paulo de Frontin

deixou a direção da Estrada, em 1913. Foi-lhe então entregue o serviço de sinalização e depois incumbido da organização da Memoria Historica da grande estrada, trabalho este que foi interrompido pela molestia e a morte, ocorrida em 4 de Abril de 1930.

Foi assim fecunda a vida de José Mariano, posta a serviço da Patria. Mas dentro deste labor pratico, nunca esqueceu as muzas que o acalentarem na adolescencia, delas se servindo, não para encher a sua imaginação de vaidade doentia, em pessoal exaltação, mas para dar forma estética ao seu culto privado, cantando ainda o que havia de nobre, de terno e de grande no seio da Familia, da Patria e da Humanidade. Nada lhe era mais dezagradavel do que o chamarem — *poeta*. Talvez, por isso mesmo, só deixou que fossem publicadas as poezias relativas ao culto religioso, e estas são em grande numero. Mas ninguem melhor para dizer si José Mariano foi um grande poeta sinão o outro poeta já consagrado pelas letras patrias, o seu irmão Alberto. Em carta dirigida a Felix Pacheco, escreveu-lhe:

Meu caro Felix Pacheco — Venho agradecer ao seu coração haver-se associado ao pezar que me enluta com o falecimento de Mariano de Oliveira.

O "Jornal do Comercio" noticiando o obito, assinalou o valor e a extremada dedicação do profissional e do pozitivista. Ele foi realmente o engenheiro illustre que a Central do Brasil contou entre os que melhor a têm servido, e por sua vez, e desde os primeiros tempos, ao lado de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, apostolo pugnaz e indefeço da Igreja pozitivista.

De quem era o homem em suas relações pessoais poderão informar os que mais de perto o trataram e destes principalmente seus irmãos e parentes proximos, os quais todos viamos em Mariano o nosso guia, o chefe assizado e generoso, cujo parecer e conselhos acatavamos sempre no que de mais

relevante se prendia ao bem estar da familia e comunidade de obrigações e deveres.

Mas o que você talvez não saiba, meu Felix, e poucos saberão é que Mariano de Oliveira foi verdadeiro poeta, substancialmente poeta, poeta do começo ao fim da existencia, grande e admiravel poeta. Estreou muito jovem com um livro "Idade Academica, versos de Mario", livro de ideias abertamente revolucionarias, que, se mereceu reparos criticos, mereceu tambem louvores de Machado de Assis, o que se pode vêr do estudo deste "A nova geração".

Não se feriou nunca seu claro espirito, de igual amor votado á sua profissão, sua muza e seu apostolado. Escrevia, escrevia sempre. Deixa Mariano de Oliveira volumosa obra, quasi toda inédita, na qual avultam os poemas "Pro Patria", "Pro Cuba", "Livro de Orações", "Tiradentes", (drama em verso) "Hino á Mulher" e "Imitação de Cristo", (tradução), além de algumas centurias de sonetos. Destes você poderá julgar pelo que aqui tenho á mão e lhe mando: é feito á memoria da mulher e da filha, as quais ambas morreram moças". Com um abraço de amizade e reconhecimento *Alberto de Oliveira* (*). Segue-se o soneto *Elvira e Eloisa*, já citado.

Fugindo assim á publicidade do seu nome como poeta, no retrahimento de sua modestia, uma poezia, no entanto, houve, que José Mariano jamais teria podido ocultar a olhos profanos — a que ele traçou com o exemplo da propria vida.

Ao perder a Esposa tão amada, a saude de José Mariano ficou comprometida para sempre. Desde então, teve ele que lutar continuamente, em duplo esforço, contra as penas físicas e as penas morais. Não fosse a sua natureza tão estoicamente rezignada; não fossem os outros estímulos altruís-

(*) Esta carta foi publicada no *Jornal do Comercio* do dia 13 de Abril de 1930, em um artigo de Felix Pacheco sob o titulo: "Um grande engenheiro e um grande poeta".

tas, ao serviço da Patria e da Humanidade, tendo ainda dois filhos menores que necessitavam do seu amparo, talvez que um mesmo sepulcro tivesse em breve de recolher dois corpos. Uma nevrose do aparelho respiratorio cujos sintomas já se haviam manifestado anteriormente de modo menos intenso, agravaram-se dahi por diante. Tornado por demais sensível o sistema nervoso, as modificações fisicas do ambiente provocavam-lhe frequentemente acessos asmáticos martirizantes. Medico assistente de sua escolha, que o fui durante dezeseete anos, atendi a inumeras dessas crises, durante as quais não sei o que mais me admirava, si a grande rezistencia fizica que aquele organismo patenteava, si a santa resignação moral que nunca deixou transparecer a menor revolta. E jamais se impedia de comparecer aos seus deveres civicos de engenheiro sinão em ultimo extremo. Ofegante, ás vezes cambaleante, rezistindo ao enfizema pulmonar, lá ia ele ao serviço publico, deixando-nos a todos em sobressalto. E não havia como demovel-o.

Para seu conforto moral nunca lhe faltara o carinho do lar. Cercavam-no de cuidados, a principio, o seu amigo inseparavel e irmão na Fé, Teixeira Mendes, ao lado do qual por muito tempo viveu em uma casa contigua, á rua Benjamin Constant; a sua diletta filha, ao fazer-se moça, e a sua irmã Amelia, que sempre acorria nas crises mais graves. Cazada sua filha, teve sempre junto de si, alem destes entes que lhe foram sempre tão dedicados, mais o seu medico e genro, e depois a sua neta Clotilde por quem sempre manifestou particular estima.

Uma dessas crises de molestia, em dezembro de 1915, quazi o arrebatou, prendendo-o ao leito por mais de um mez com febre alta. Estava José Mariano no ultimo limite de suas forças fizicas; mas o cerebro rezistia em plena uidade religioza. Pediu papel e lapis e escreveu:

Eis-me que chego ao termo da jornada !
 Oh ! minha Filha, aqui nos separamos ;
 D'aqui ambos o passo encaminhamos,
 Tu para a vida, eu para o eterno nada.

Foi doloroza a minha longa estrada,
 Mas, como ternamente nos amamos,
 Nunca o val odiei que atravessamos:
 Minh'alma viveu sempre rezignada.

As suas forças não deram, porém, para concluir o soneto; o lapis cahiu-lhe da mão; exigimos que não continuasse o esforço.

A rezistencia organica de José Mariano superou, no entanto, mais essa crize da molestia que nos parecera intransponivel.

Menos de dois anos depois, a fatalidade levou-o a ter ele mesmo de fechar os olhos á sua filha. E só então concluiu o lugubre soneto que ficára inacabado:

Tres anos já se vão, e eis que inda ezisto !...
 Mas tu ?... Do escuro golfo ao longe avisto
 Teu corpo flutuando entre os escolhos.

Como cahiste no seu torvo seio ?...
 — Um destino cruel, que eu quazi odeio,
 Primeiro do que aos meus fechou teus olhos.

Contamos aqui este episodio para mostrar o quanto póde a unidade cerebral mantida pelo culto religioso, sustentar um organismo minado pela molestia fizica.

Mas tudo tem um limite. Aos 73 anos José Mariano ainda se entregava a intenso trabalho espirital, organizando

a Historia da Central do Brasil. As crises da molestia se tornavam mais aproximadas. Passou a trabalhar em casa. Si o cerebro rezistia, o sistema nervoso ficára comprometido. Sobrevieram-lhe tremores das extremidades digitais, que se foram agravando sob a fórma parkinsoniana. Não podendo mais escrever, nos ultimos mezes, ditava á sua neta, a minha filha Clotilde, que diariamente ia passar com ele algumas horas, as notas e recomendações que dezejava fazer. Com ela se expandia e se entretinha em leituras que esta fazia e que ele comentava e instruia. Assim se passaram os ultimos dois anos de sua edificante vida.

Nos ultimos dias o seu cerebro se enfraquecera tambem. Mais de uma vez foi sujeito a illusões dos sentidos e a alucinações suaves, vendo perto do leito os entes que mais amára na vida — Miguel Lemos, Teixeira Mendes, sua adorada Mãe e a sua sempre amada Esposa.

Chamado pela manhã do dia quatro de Abril de 1930 para atender a uma das crises de deliquio mais intenso que tivêra, encontrei-o já sem vida. Assim extinguiu-se a existencia objetiva de José Mariano, em caza de seu filho, com quem morava, á rua João Affonso n.º 31, em Botafogo. No dia seguinte, foram-lhes prestadas solenes exequias na Igreja Positivista, para onde fôra transportado o seu corpo, sendo officiante o Dr. Bagueira Leal. Dahi seguiu o cortejo funebre para o Cemiterio de S. João Baptista onde repouza ao lado de sua eterna Esposa, a quem poderia sempre repetir:

Posso te asseverar, e isto me é bem suave
Ao coração, que nem uma só falta grave
Fez-me indigno de ti.
